

BOM FIM, Manoel. **Pensar e dizer**: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem. Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923. 518p.

Esta obra diferencia-se em muitos pontos de outras obras pedagógicas ou psicológicas do autor. Ela não tem caráter precipuamente didático como as demais; disso decorrem provavelmente as diferenças de forma e conteúdo, de tal maneira que, neste livro, não há uma abordagem geral dos assuntos psicológicos, mas a abordagem de uma temática específica e, portanto, bem mais aprofundada, em que não há preocupação de facilitar a exposição; ao contrário, o texto é muitas vezes denso e há grande número de citações e referências de uma infidade de autores e obras, demonstrativas da ampla cultura literária, filosófica e científica do autor. Esta obra, segundo Lourenço Filho, anteciparia noções que foram, mais tarde, confirmadas experimentalmente. A obra é composta de duas partes: a primeira trata de vários aspectos do símbolo e do processo de simbolização; e a segunda, das relações entre símbolo e linguagem; ambas as partes contêm 9 capítulos; a isso se acrescenta o relato de uma pesquisa, em todas as suas etapas, realizada no Laboratório do "Pedagogium".

A finalidade do livro é claramente sugerida em seu título; constitui-se ele num estudo da função simbólica e suas relações com o pensamento e a linguagem, na perspectiva de compreendê-la na sua dimensão psicossocial. Neste contexto, a linguagem assume papel privilegiado, por ser esta a instância mediadora entre o sujeito e o meio social, ao mesmo tempo que se constitui como dado objetivo da vida psíquica. É constante em toda a obra a afirmação e a demonstração da natureza social do fenômeno psicológico.

Percebe-se, pois, que pensamento e linguagem são considerados no seu aspecto ativo, de tal maneira que esta perspectiva — pensamento, linguagem e ação — são as dimensões que alicerçam os conteúdos trabalhados no livro; estes revelam, por seu turno, a concepção que adota o autor a respeito do fenômeno psicológico e de suas determinações e, conseqüentemente, da própria Psicologia.

É possível dizer que Bonfim concebe o fenômeno psicológico como totalidade multideterminada e em processo constante de transformação. A determinação social, reiteradamente abordada, inclui também a dimensão histórica que, junto com o substrato orgânico (abordado essencialmente em outras obras), formam o tripé fundamental que dá a dinâmica do psiquismo.

Em vários momentos aponta o autor a necessidade de se extrapolar o conhecimento especificamente psicológico, para de fato compreender o psiquismo; deve-se mesmo recorrer às várias áreas do saber, pois que estas revelam as multideterminações do fenômeno psíquico; particularmente Bomfim refere-se à dimensão histórico-social do psiquismo. Nesta perspectiva, ele critica os "psicologistas" exclusivos, destacando a necessidade de transpor estes limites e ilustrando seu pensamento com a referência a vários pensadores que se constituíram como personagens da história da Psicologia.

O autor aponta para uma questão, em geral pouco abordada pelos autores brasileiros da época: a questão metodológica. Procura explicitar a adoção do "método interpretativo", não apenas expondo sua natureza e justificando sua utilização, como também apresentando uma análise crítica em relação à pesquisa experimental realizada em laboratório, por sua incapacidade de apreender o fenômeno psicológico em sua totalidade e, sobretudo, por sua inadequação ao estudo do pensamento. As críticas de Bomfim aos estudos de laboratório anteciparam-se às críticas elaboradas mais tarde por diversos autores. Segundo ele, o fenômeno psicológico, por ele concebido como totalidade e fundamentalmente social, não poderia ser compreendido na sua complexidade, pelas restrições impostas pelo laboratório. Neste contexto, demonstrando razoável conhecimento da história da Psicologia, o autor aponta para uma crise que estaria então

vivendo esta ciência, reconhecendo sua razão na problemática metodológica. Vale destacar, neste quadro, uma crítica a Watson e à sua concepção de objeto do estudo da Psicologia: o comportamento; segundo Bomfim, a questão central: o método, não era solucionada; apenas se alterava uma instância secundária: o objeto de estudo. Exceção era feita, contudo, a Baldwin e a seu método genético.

Com base em tais críticas aos métodos correntes, Bomfim opta pelo denominado "método interpretativo", considerando-o como possibilidade de superação daqueles e, por sua vez, adequado a seus objetivos de estudo e à sua concepção de Psicologia e fenômeno psicológico; este método basear-se-ia na "análise interpretativa desta longa obra em que o espírito humano se tem revelado como a própria realização das consciências socializadas" (Bomfim, 1923); em outras palavras, seria o estudo interpretativo da produção humana nos diversos estágios de seu desenvolvimento.

Com base nessa perspectiva, o autor expõe e discute ao longo da obra o significado do símbolo e sua importância para o processo psíquico; aborda, sobretudo, as relações entre este e o processo de formação do pensamento, referindo-se a questões como: a idéia, a abstração, a inteligência e a subjetividade, utilizando-se principalmente da linguagem em suas várias formas de manifestação, como instância reveladora daquilo que o autor denomina "funções psíquicas superiores.

O símbolo é considerado fundamental como representação, produzida por um processo associativo, cuja finalidade define-se pela "lei da economia"; isto é, o símbolo teria uma função sintética que permitiria ao sujeito recorrer a ele, sem ter a necessidade de reelaborar o processo que lhe deu origem. É esta "lei do menor esforço" a principal responsável pela formação dos símbolos e é ela que define sua importância para o funcionamento psíquico, uma vez que o símbolo substitui o longo processo intermediário presente no fluxo da consciência por sinais imediatos. Assim, explicita-se a relação entre

a abstração e o processo de simbolização, pois que é este um instrumento subsidiário daquela.

No desenvolver destas idéias, Bomfim empreende uma extensa e complexa análise, em que, para explicitar as determinações dos fatos psíquicos, recorre a inúmeras áreas do saber: da Filosofia à Neurologia, do Cinema às Artes Plásticas e, essencialmente, utiliza-se de vasta análise da produção literária universal e brasileira. Este recurso utilizado é de tal maneira rico, que se torna praticamente impossível expor sequer os nomes de autores e obras por ele abordados, que incluem desde os clássicos até os contemporâneos de então, sem contar a riqueza da análise sobre estes elaborada.

Uma constante na obra é a articulação atividade-pensamento-linguagem, que, segundo o autor, é um dos pilares do funcionamento psíquico. Tal concepção, abordada em outras obras de Manuel Bomfim, faz reiteradamente referência às idéias de Baldwin **e, na sua essência, antecede em alguns anos as concepções dos psicólogos marxistas russos: Vygotsky, Leontiev e Luria** (grifo do editor). É de grande interesse este ponto de vista do autor, na medida em que este procura, de certa forma, superar alguns dos problemas que a Psicologia vem enfrentando desde seus primórdios como ciência autônoma; por exemplo, dá conta da complexidade e da multideterminação do fenômeno psicológico, procurando não reduzi-lo a algumas de suas manifestações; evita cair no psicologismo e busca métodos e técnicas de pesquisa capazes de apreender a totalidade do fenômeno e suas relações de mediação com dimensões que extrapolam o propriamente psicológico. Seria por demais pretensioso imaginar que Bomfim consegue solucionar tais questões; mas de certa forma, a direção por ele apontada é, em muitos pontos, reconhecidamente coerente com propostas elaboradas posteriormente, tendo por base preocupações semelhantes.

A visão totalizadora do psiquismo leva o autor a criticar as concepções neuropsiquiátricas da época, particularmente no que se refere à sua concepção fragmentária que correlaciona determinadas fun-

ções psíquicas a regiões específicas do cérebro; o autor esclarece que concebe o funcionamento cerebral como sendo essencialmente integrado e a linguagem como função cuja complexidade não pode limitar-se a uma mera região do cérebro. No capítulo em que esta questão é tratada, Bomfim faz uma longa exposição sobre as várias manifestações patológicas da linguagem, discutindo os vários quadros e tipos de sintomas e possíveis etiologias.

Por outro lado, a obra reitera, sistematicamente, a preocupação com a dimensão social, seja por influência sobre o psiquismo, seja por sua realidade própria. Ao abordar esta questão, o autor explicita seus valores políticos, particularmente aqueles referentes à liberdade e à igualdade, considerados como valores universalmente humanos.

Sua concepção de sociedade, principalmente no que se relaciona à produção de pensamento e sua determinação na ação, revela-se com extrema força expressiva na conclusão da obra, onde o autor

escreve um verdadeiro libelo ao pensamento revolucionário e um contundente ataque ao conservadorismo. Esta conclusão patenteia seu ponto de vista acerca das relações entre pensamento e ação e entre eles e o processo de transformação histórica da sociedade. Entretanto, considera ele o símbolo na sua contradição, pois que pode ser instrumento de transformação e, por outro lado, pode servir como fator de resistência a mudanças.

Esta obra praticamente esquecida, requer por sua riqueza e atualidade junto com as demais obras do autor, um estudo mais aprofundado e sua recuperação para a memória nacional e, sobretudo, para a historiografia do pensamento educacional e da Psicologia no Brasil.

Mitsuko Antunes
Departamento de Fundamento da Educação do
Centro de Educação da PUC/SP